

A MARGINALIDADE NA PERSPECTIVA ECLESIAÍSTICA: UM CHAMADO À CONTÍNUA RENOVAÇÃO DE UM OBJETO

Leila Rodrigues da Silva

Como nos recordava Jean-Claude Schmitt há mais de quatro décadas (1978), o interesse dos historiadores pelos marginais se manifesta desde o século XIX. Daí, até a década de 70 do século seguinte, momento em que o objeto assume especial dimensão, muito se percorreu. Nesse processo foi fundamental o movimento desencadeado pela Escola dos *Annales*, proporcionando uma renovada compreensão das possibilidades no campo da história. Assim, segmentos sociais historicamente esquecidos, por exemplo, passaram a receber um novo tratamento e materiais antes ignorados adquiriram papel de destaque.

A renovação da História não se restringiu à sua relação com as fontes. Esta tendência garantiu também que gerações de estudiosos, formados em conformidade com orientações teóricas e metodológicas marcadas por novas diretrizes, desejassem revisitar os antigos materiais e alargassem suas referências. Potencialmente, desse reencontro poder-se-ia depreender o que até então não havia suscitado atenção. Outras perguntas foram realizadas, as entrelinhas, o não dito, ganharam tanta ou mais relevância que o explicitamente evidenciado.

Sob tal diretiva, a releitura de escritos eclesiásticos produzidos no período medieval tem promovido uma melhor compreensão sobre a definição de grupos marginalizados pela Igreja e a dinâmica social medieval e convidado a um exercício permanente de diálogo com o nosso próprio tempo histórico. Mas, o que é ser marginal na Idade Média aos olhos eclesiásticos? Ainda na década de 80 do século passado, Le Goff (1985) propôs tipologias para lidar com o tema geral da marginalidade. São muitas as possibilidades, dependendo do que se deseja realçar. Além disso, mesmo se nos detivermos apenas no Ocidente, o período é demasiadamente longo para que conclusões generalizantes e peremptórias possam ser formuladas, ou seja, há que reconhecer as muitas particularidades regionais e conjunturais. De qualquer modo, consideramos que uma primeira aproximação ao tema pode contribuir à reflexão.

Assim, ao focarmos na perspectiva eclesiástica, a já conhecida identificação de “marginais no uso do corpo” e “marginais da fé” ainda nos parece uma proveitosa abordagem, já que coloca em relevo o viés da ideologia cristã hegemônica. Não obstante existissem divergências pontuais e evidentemente temas mais ou menos pujantes ao longo de todo o período, de uma maneira geral, os eclesiásticos convergiam acerca das grandes questões. Nesse sentido, não existiram muitas



Miniature from the Hours of Catherine of Cleves, Morgan Library & Museum, MS M.945, f. 107r (domínio público <https://en.wikipedia.org/wiki/Hellmouth#/media/File:Hellmouth.jpg>)

SILVA, Leila Rodrigues da. A marginalidade na perspectiva eclesiástica: um chamado à contínua renovação de um objeto. *História e Narrativa*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

discordâncias em relação ao que se estabeleceu como pecaminoso e, por extensão, marginal a partir dos séculos centrais do medievo.

Desse modo, o primeiro grupo estaria caracterizado por se conduzir em busca do prazer e do gozo em detrimento do que deveria ser o objetivo exclusivo da prática sexual, qual seja, a reprodução. O pecado original transformado em pecado sexual com o Cristianismo favoreceu a diabolização do corpo, que se tornou instância de licenciosidade (LE GOFF; TRUONG, 2006: 49-52). Logo, homossexuais, prostitutas, sodomitas, dentre outros, constituíram-se como marginais por procurarem o deleite, o que os tornavam inquestionavelmente pecadores.

O segundo grupo, marginais da fé, poderia ser definido pela não aceitação da “verdade” propagada pela Igreja. Ou seja, questionamentos e discordâncias em relação ao apresentado pela instituição eclesiástica poderiam, dependendo de sua ênfase e contexto, redundar em enquadramento individual ou coletivo na categoria de “marginais da fé”. Assim, grupos como pagãos, judeus e heréticos se constituíram como marginais pelo desconhecimento ou não aceitação de parte ou de todo o conjunto de proposições elaborado e reconhecido pela Igreja como expressão da “verdade”.

Porta-vozes autorizados da instituição, responsáveis pela mediação com o sagrado e, portanto, fundamentais à realização da salvação, ao veicular suas ideias acerca de quem estabeleceram como marginais, os eclesiásticos se pautaram em referências compartilhadas no meio clerical e se conduziram em consonância com a ideologia cristã. Admitindo que a ideologia, quando hegemônica, promove a naturalização de valores, alçando-os à condição de universais, impõe-se ao historiador o desafio de, concomitantemente à busca de um maior conhecimento da lógica que norteia o discurso eclesiástico, procurar, também, auscultar os ditos marginais. Ao reconhecer a dificuldade da empreitada, cabe lembrar a importância neste processo de renovação contínua de orientações teórico-metodológicas e valorização de temas que interessem à nossa própria conjuntura, aspectos que tendem a favorecer a ampliação da capacidade que dispomos para pensar a sociedade medieval e suas contradições.

Para saber mais:

KARRAS, Ruth Mazo. *Sexuality in medieval Europe. Doing Unto Others*. 3. ed. London. New York: Routledge, 2017.

LE GOFF, Jacques TRUONG, Nicolas. *Uma historia do corpo na Idade Media*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. Os marginalizados no Ocidente Medieval. In: *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1985. p. 176-184.

SCHMITT, Jean-Claude. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 261-290 (1ª ed. 1978).

SILVA, Leila Rodrigues da. A marginalidade na perspectiva eclesiástica: um chamado à contínua renovação de um objeto. *História e Narrativa*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>